

Qual a importância de inovar no ensino superior?

Flávia Wagner

Maria Isabel da Cunha

O tema da qualidade da educação superior vem sendo objeto de estudos e pesquisas, sempre no enquadramento de uma visão política e pedagógica. São muitos os desafios a enfrentar, especialmente para uma universidade que se democratiza em termos de acesso e, ao mesmo tempo, enfrenta a necessidade de produzir ciência e tecnologia que deem respostas ao desenvolvimento social sustentável. São situações que interpelam a educação superior e provocam o discurso das inovações. São elas necessárias para repensar as práticas históricas que sustentaram o prestígio social das universidades, mas que, frente aos novos contextos, se veem na emergência de encontrar alternativas para os distintos cenários. Entre estes se impõe com especial importância a qualidade do ensino, que marca a formação dos estudantes para a profissionalização e para a cidadania

Especialmente a partir da última década do século 20, os estudos que envolvem a pedagogia universitária começaram a ter expressão no campo educacional, tanto em quantidade como em qualidade. As instituições de ensino superior perceberam isso como necessário para sustentar uma prática pedagógica que respondesse aos novos e desafiadores cenários. Constata-se, pois, que os estudos sobre políticas e práticas referentes à inovação pedagógica no ensino superior são emergentes e objeto de especial interesse.

O conceito de inovação exige uma explicitação contextual e, no caso da perspectiva que sustenta os estudos aqui apresentados, afasta-se da concepção mercadológica e descontextualizada, que permite amplas generalizações. Seu emprego aqui entende a inovação como ruptura paradigmática que tem compromisso

com uma dimensão política e socialmente referenciada e articula redes de pessoas, ferramentas, conhecimentos científicos e tecnológicos que produzem significados interdisciplinares e transdisciplinares sobre a compreensão da realidade. A inovação pedagógica se alicerça na reflexão sobre as formas de ensinar e de aprender, incluindo conhecimentos sobre as estratégias educativas num contexto que é cultural e situado. Nessa perspectiva, algumas questões podem estimular reflexões com significado, tais como: o que é inovação pedagógica e quais as concepções em debate? Quais demandas das políticas nacionais se referem à inovação pedagógica no ensino superior? Quais práticas são significativas na docência e na gestão universitária? Quais são os movimentos e espaços significativos nacionais e internacionais a favor da inovação no ensino superior?

Os estudos que seguem nos ajudam a refletir sobre esses temas e ampliam a discussão sobre as diferentes perspectivas de inovação no ensino superior. São nove artigos que debatem as assertivas de inovação pedagógica, os currículos inovadores, as políticas de avaliação e inovação, a inovação no trabalho docente e o uso das tecnologias de informação e comunicação, o perfil dos estudantes, as práticas pedagógicas inovadoras, a curricularização da extensão universitária, a formação continuada dos docentes e a avaliação da aprendizagem. Além desses temas, foram realizadas duas resenhas, “Inovação na universidade e o papel da assessoria pedagógica” e “Inovação e protagonismo na universidade”. Há, também, uma entrevista sobre a inovação pedagógica no ensino superior e as práticas alternativas. Por último, a bibliografia comentada, para aqueles que desejam se aprofundar no tema deste número da revista *Em Aberto*. O objetivo é motivar docentes e outros profissionais a refletirem sobre os seus contextos pedagógicos na educação superior.

Para melhor compreensão do conteúdo, começamos com a seção Enfoque. O texto de Maria Isabel da Cunha, da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel), e Flávia Wagner, da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), apresenta “Oito assertivas de inovação pedagógica na educação superior”, identificando suas características e impactos na prática pedagógica em espaços universitários. Mesmo sem pretensão de esgotar o tema, as autoras contribuem com uma sistematização que favorece a construção de indicadores para a análise das práticas e a pesquisa na área.

A seção Pontos de Vista inicia com o texto de Marcos Tarciso Masetto e Cecilia Gaeta, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), denominado “Da aula expositiva aos currículos inovadores: trajetória e desenvolvimento da pedagogia universitária e formação de professores para o ensino superior”, que analisa criticamente a trajetória, nos últimos 60 anos, da pedagogia universitária, relacionada à formação dos docentes do ensino superior. Ou seja, como a pedagogia afetou as aulas universitárias, as mudanças curriculares e os programas de formação de docentes. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, que possibilitou a identificação e o estudo das mudanças por épocas.

O artigo seguinte apresenta parte dos resultados da pesquisa “Inovação nas práticas da educação superior: as vozes de docentes-pesquisadores”, desenvolvida em uma universidade estadual, a respeito do conceito de inovação pedagógica, que sustenta suas práticas. A pesquisa envolveu o exame dos currículos Lattes de

pesquisadores de quatro áreas do conhecimento (educação, linguística, ciências ambientais e genética e melhoramento de plantas) e o desenvolvimento de entrevistas com os docentes/pesquisadores, analisadas com o recurso do *software* webQDA, enfocando a categoria *inovação e produção de conhecimento*. As autoras, Elizeth Gonzaga dos Santos Lima, da Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat), e Denise Balarine Cavalheiro Leite, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), concluem que a produção de um conhecimento inovador se vincula às necessidades das comunidades locais e a elas retorna, com a intencionalidade manifestada pelos docentes de contribuir para a melhoria de vida dos sujeitos e, como consequência, para o desenvolvimento econômico e social.

O tema das tecnologias educacionais e sua relação com a inovação pedagógica é objeto da contribuição de Maria do Socorro Carneiro de Lima, da Universidade Federal do Pará (UFPA), no artigo "Tecnologias de informação e comunicação no ensino superior: ruptura com o modelo tradicional de ensino ou fetichismo tecnológico?". Afirmar a autora que a incorporação de novas tecnologias no ensino superior não pressupõe necessariamente práticas inovadoras. Entretanto, estas podem ocorrer, desde que a utilização de tecnologias de informação e comunicação esteja alicerçada em novas concepções de conhecimento, de docência e de aluno, modificando o conjunto de elementos que constituem o processo de ensino-aprendizagem tradicional.

O campo das políticas públicas para o ingresso nas universidades federais estimulou o sexto estudo, denominado "Professores do ensino superior ante o 'novo' perfil de estudantes oriundos do Sistema de Seleção Unificada: inovações ou rearranjos?", de Paula Trindade Selbach, da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Thomaz Klug Brum e Beatriz Boéssio Atrib Zanchet, ambos da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel). O objetivo foi compreender como os docentes desenvolvem suas práticas perante a diversidade de perfis de alunos de distintas regiões e diferentes culturas, agora presentes na aula. Para tal, foram entrevistados 12 professores de duas universidades do sul do Brasil. Os autores discutem os resultados, os quais revelaram que os docentes, ao identificarem essas questões, não necessariamente conseguem reestruturar sua prática no sentido da inovação, mas desenvolvem nela ações pontuais de rearranjos.

A seguir, Sandra Regina Soares e Dayse Lago de Miranda, da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), apresentam o artigo "Reflexão dos docentes sobre sua prática pedagógica: implicações para o seu desenvolvimento profissional", que traz narrativas sobre experiências pedagógicas inovadoras publicadas na *Série Práxis e Docência Universitária*. O objetivo foi identificar a percepção dos docentes autores de artigos sobre suas práticas e aprendizagens, especialmente em função da reflexão à qual foram provocados, destacando-se: a abertura para a pessoa do estudante e seu engajamento consciente, a resignificação de crenças e pressupostos, a valorização do trabalho coletivo e o reconhecimento de sua própria produção autoral. O processo dialogado e problematizador, incentivado por iniciativas institucionais, possibilitou que a maioria dos participantes avançasse para níveis de reflexão mais profundos e vivenciasse o desenvolvimento pessoal e profissional docente.

O tema da extensão universitária foi analisado num contexto de inovação por Rubya Mara Munhóz de Andrade (Unipampa), Marília Costa Morosini (UFRGS) e Daniela Oliveira Lopes (Unipampa) no artigo “Extensão universitária na perspectiva da universidade do encontro”. As autoras exploram a concepção da “universidade do encontro” para fortalecer a relação entre ensino, pesquisa e extensão, além de viabilizar práticas pedagógicas renovadas na educação superior. Mediante pesquisa de abordagem qualitativa, foram identificados traços da “universidade do encontro”, seus desafios e relevância. Constatou-se que a extensão nos cursos de graduação favorece o surgimento do aluno e do professor reflexivos e pesquisadores, que aliam conhecimentos científicos e experiência.

Integrando uma perspectiva ibero-americana, a pesquisadora Laura Lodeiro Enjo, da Pontificia Universidad Católica Madre y Maestra (PUCMM, República Dominicana), contribui com o texto “El Procedimiento CG-CEA como estrategia innovadora que fusiona la formación de los docentes y el diseño curricular por competencias en instituciones de educación superior”, afirmando que seu propósito foi apresentar os passos do procedimento, sua dinâmica interna, intencionalidades formativas em cada momento e algumas conclusões derivadas de sua implementação na PUCMM. Para validar a experiência, a autora apresenta os resultados de pesquisa realizada com instrumentos do tipo Likert, aplicada aos participantes para compreender suas percepções sobre o processo vivido. Também ressalta que os resultados indicaram que o potencial formativo da proposta de desenho curricular por competências é elevado, na opinião de 85,7 dos participantes, e recomenda a ampliação da metodologia em outros contextos.

No texto “Avaliação da aprendizagem: um olhar a partir da concepção de estudantes da educação superior”, Maria das Graças Auxiliadora Fidelis Barboza, da Universidade Católica de Salvador (UCS), e Célia Maria Fernandes Nunes, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFop), afirmam que conhecer as concepções de avaliação dos estudantes é relevante para se entender e repensar o modo como os docentes adotam práticas avaliativas. As autoras trazem os resultados de uma pesquisa com 511 estudantes dos cursos de licenciaturas, bacharelados e tecnológicos do 3º ao 8º semestre de uma instituição privada e confessional entre os anos de 2017 e 2018. São identificados os avanços da concepção de avaliação, como: tentativa de ruptura com a abordagem tradicional para uma abordagem formativa/processual; defesa de uma avaliação que envolva a parceria entre professor/estudante e estudante/estudante; sugestão de outros dispositivos avaliativos para além das tradicionais provas escritas. O texto mostra a necessidade de compreender as práticas docente e discente e seus significados para favorecer a autonomia dos estudantes e professores no processo avaliativo.

Na seção Espaço Aberto, a professora Elisa Lucarelli, da Universidade de Buenos Aires, na Argentina, autora de diversos artigos e importantes livros sobre a pedagogia universitária, discorre sobre seus estudos a respeito da inovação pedagógica na educação superior. Com ela interage a professora Maria José Batista Pinto Flores, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordenadora do

Projeto Giz¹. A entrevista traz uma interessante interlocução entre duas estudiosas do tema com expressiva prática no campo da pedagogia universitária. Atuando e pesquisando em assessorias pedagógicas, entrevistada e entrevistadora consideram o tema singular e importante para ampliar as inovações pedagógicas como ruptura epistemológica nas formas de ensinar e aprender. A doutora Elisa Lucarelli reforça que é importante apoiar as experiências que os docentes protagonizam, animando-os a realizá-las, estimulando-os a difundir-las e socializá-las, para seguir adiante e perceber que a pequena inovação pode ser o ponto de partida para transformar o ensino.

Na seção Resenhas, duas obras foram analisadas. Na primeira resenha, Maria Antonia Ramos de Azevedo e Ligia Bueno Zangali Carrasco, ambas da Universidade Estadual Paulista (Unesp Rio Claro) abordam a obra *Assessoria pedagógica na universidade: (con)formando o trabalho docente*, de Cecilia Luisa Broillo, publicada em 2015. Tendo campo empírico em três universidades do Rio Grande do Sul, a autora analisa as políticas de formação continuada dos docentes e o papel que aí desempenham as Assessorias Pedagógicas Universitárias. Lançando mão de uma pesquisa qualitativa, ouve diferentes sujeitos implicados nos processos e destaca a importância que essas políticas exercem na ampliação e consolidação das inovações pedagógicas e na qualidade da educação superior.

Na segunda resenha, Sheila Fagundes Goulart e Dóris Pires Vargas Bolzan, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), exploram o livro *Inovar o ensino e a aprendizagem na universidade*, do espanhol Francisco Ibernón, publicado no Brasil em 2017. O autor afirma que é imperativo transformarmos os processos acadêmicos, em que a transmissão dos conhecimentos, a memorização e a prática unilateral levam ao posicionamento passivo dos estudantes. A possibilidade de avançarmos em direção a uma atividade pautada numa perspectiva relacional, em que estudantes e professores protagonizem os processos de ensinar e de aprender, é a chave de uma dinâmica pedagógica mais eficiente e exitosa, capaz de favorecer a inovação da aula universitária.

Fechando este número, a seção Bibliografia Comentada traz um levantamento de livros, coletâneas, dissertações e teses elaborado por Karla Leonora Dahse Nunes, da Unisul, na expectativa de estimular o leitor a ampliar e aprofundar as abordagens apresentadas nos artigos.

Com esta apresentação, procuramos incentivar os/as leitores/as a percorrerem as páginas deste número da revista *Em Aberto* na expectativa de um diálogo profícuo com todos/as os interessados/as pelo campo da pedagogia universitária e suas inovações.

Flávia Wagner
Maria Isabel da Cunha
Organizadoras

¹ Projeto Giz faz parte da Rede de Desenvolvimento de Práticas de Ensino Superior, vinculado à Pró-Reitoria de Graduação da UFMG.